

**UMA ANALÍTICA HEIDEGGERIANA SOBRE A FUNDAÇÃO DA  
ESSÊNCIA MATEMÁTICA DO PENSAR MODERNO NA METAFÍSICA  
CARTESIANA**

[A HEIDEGGERIAN ANALYSIS OF THE FOUNDATION OF THE MATHEMATICAL  
ESSENCE OF MODERN THINKING IN CARTESIAN METAPHYSICS]

**Lisandra Teixeira**

[lisandrateixeira1010@gmail.com](mailto:lisandrateixeira1010@gmail.com)

<https://orcid.org/0000-0002-7904-7746>

*Possui graduação em Relações Internacionais pela Universidade Estadual da Paraíba (2018). Mestra em Filosofia pelo Programa de Pós-graduação em Filosofia da Universidade Federal da Paraíba (2020). Doutoranda em Filosofia pelo Programa de Pós-graduação em Filosofia da Universidade Federal da Bahia (UFBA) na Linha de Pesquisa Fenomenologia e Hermenêutica. Estuda o pensamento de Martin Heidegger e possui interesse pelas áreas de metafísica, fenomenologia, ontologia, hermenêutica e estética filosófica. Atua nos seguintes temas: crítica à modernidade, verdade, técnica e ciência moderna.*

**DOI: [10.25244/tf.v15i2.3455](https://doi.org/10.25244/tf.v15i2.3455)**

Recebido em: 16 de setembro de 2021. Aprovado em: 09 de março de 2023

**Caicó, ano 15, n. 2, 2022, p. 205-219**

**ISSN 1984-5561 - DOI: [10.25244/tf.v15i2.3455](https://doi.org/10.25244/tf.v15i2.3455)**

**Dossiê Epicurismo antigo e sua recepção – Fluxo Contínuo**



**Resumo:** Procura-se traçar a fundamentação do pensamento e da metafísica moderna através da obra e da filosofia de René Descartes, partindo da análise da crítica heideggeriana centrada no pensamento moderno do ‘eu’, do *subjectum*, que é posto como fundamento absoluto para todo pensar representativo moderno. O homem enquanto sujeito torna-se medida, um ‘centro de referências’ para as coisas, para o que é re-presentado. O ente é, então, objetificado, posto em sua disponibilidade para o sujeito. O mundo, como o que o *subjectum* se opõe, tornou-se sua medida e extensão, ele é *res extensa*. A crítica traçada por Heidegger tem por base a determinação do projeto matemático do pensar moderno. O elemento matemático do pensar é definido pelo próprio *subjectum* que antecipadamente calcula e assegura o real em seu re-presentar (*Vor-stellen*). A verdade se torna, portanto, na efetivação desse elemento matemático sobre o real, certeza da representação. O sujeito é substância primeira do pensar moderno, pois é o que há de mais certo, o que é indubitável. O mundo, *res extensa*, como extensão do *cogito*, é forçado a apresentar-se diante dele em sua objetividade através de um cálculo-axiomático prévio sobre ele, determinando o caráter de intervenção ilimitada sobre o real.

**Palavras-chave:** *Cogito*. Sujeito. Representação. Matemático. Verdade. Real. Objeto.

**Abstract:** This article seeks to trace the foundation of thought and modern metaphysics through the work and philosophy of René Descartes, based on the Heidegger’s analysis and critics centered on the modern thinking of the ‘self’, *subjectum*, which is put as an absolute foundation for all modern representative thinking. Men as a subject becomes a measure, a ‘Reference center’ for things, for what is re-presented. The world is objectified, it is available to the subject. The world is opposed to the subject. It has become its measure and extension, *res extensa*. The critics made by Heidegger is based on the determination of the mathematical project of modern thinking. The mathematical element is defined by the *subjectum* itself, which in advance calculates and ensures the real in its re-presentation (*Vor-stellen*). Therefore, the truth becomes certainty of representation. The subject is the first substance of modern thinking because it is the most certain, undoubted. The world, *res extensa*, as an extension of the *cogito*, is forced to present itself to it through an axiomatic calculation. Determining the character of unlimited intervention in reality.

**Key words:** *Cogito*. Subject. Representation. Mathematical. Truth. Real. Object.

## INTRODUÇÃO

No presente artigo busca-se traçar o fundamento moderno do pensar a partir do *Discurso do método* (1983) de Descartes publicado no ano de 1637. Analisando-o através da crítica heideggeriana ao pensar representativo do *cogito*, onde o mundo como extensão acaba por se tornar seu reflexo. A determinação de um *subjectum* do pensar é definida pela busca de um fundamento primeiro e absoluto do pensamento. A essência moderna do pensamento representativo é a certeza clara e indubitável na determinação de um sujeito como fundamento de todo o pensar, um *fundamentum absolutum inconcussum*.

Na obra de Descartes é possível observar o delinear e a fundamentação de todo o pensamento moderno posterior. No *Discurso do método* (1983), que possui como subtítulo: *Para bem conduzir a própria razão e procurar a verdade nas ciências*, Descartes nos põe um caminho para uma ciência universal através da unificação, via bases seguras, do conhecimento humano que seria guiado pela busca da verdade universal. Estabelece, assim, o próprio fundamento da metafísica moderna.

Descartes procura, então, desenvolver um método único, um projeto para uma ciência matemática universal pautada no aprimoramento do conhecimento humano. Com o estabelecimento desse projeto metafísico se estabelece, aqui, uma concepção diversa de verdade como certeza do que é correto. A ciência, e centralmente a matemática, tomará papel central nesse projeto moderno de pensamento que tem por base a mudança no caráter de verdade e põe o *subjectum* como central. A ciência se torna, portanto, o reduto da verdade como certeza representativa, rompendo, assim, com as “crenças teológicas” do pensamento medieval.

Portanto, a razão é central para a análise científica. Descartes desenvolve o método universal da razão capaz de garantir a verdade como certeza indubitável e universal, determinando o estabelecimento do pensar moderno. A razão é posta, assim, como protagonista, é a partir dela que a verdade mais evidente pode ser obtida. Esse método para uma nova ciência teria como objetivo a busca pela verdade universal, podendo, assim, desocultar a “alma do mundo” e o que nele estivesse oculto. É, dessa forma, para Descartes, através da matemática, de cálculos numéricos evidentes e exatos que é possível desvelar a verdade oculta do mundo. Assim, garantindo um conhecimento seguro sobre toda a totalidade.

Todo o conhecimento do mundo sensível, do que está a nossa volta, é desvelado através da matemática, a partir da pretensão de traçar uma fórmula universal que seja capaz de desocultar o próprio real. Essa determinação pode ser bem exemplificada nas pretensões da física matemática moderna, no que tanque à busca pela descoberta do mundo a partir do cálculo. O real se torna o que podemos medir. Logo, podemos citar a afirmação de Descartes sobre o domínio da razão matemática (1983, p.60-61):

[...] e, considerando que, entre todos os que precedentemente buscaram a verdade nas ciências, só os matemáticos puderam encontrar algumas demonstrações, isto é, algumas razões certas e evidentes, não duvidei de modo algum que não fosse pelas mesmas que eles examinaram; embora não esperasse disso nenhuma outra utilidade, exceto a de que acostuariam o meu espírito a se alimentar de verdades e a não se contentar com falsas razões.

A inauguração da física moderna enquanto uma ciência exata da natureza é fundamentada para o estabelecimento da metafísica moderna. Em Descartes, no seu traçar de uma ciência universal, para um método universal, a matemática possui papel central. Ela possui a tarefa de unificar e validar o conhecimento, sendo esse o que é o mais certo e evidente. A matemática, então, é posta como basilar por trazer um conhecimento efetivamente verdadeiro. Dessa forma, reflete na mudança do sentido de verdade na modernidade.

Verdade, aqui, já não é mais adequação do ente com a proposição, mas é, agora, o que é evidente para a razão, o que é claro e exato para o conhecimento universal. Nas regras para o uso da razão, Descartes, que inaugura o fundamento para a determinação da própria ciência moderna, põe a centralidade na matemática. É através dela que podemos conquistar a verdade como certeza.

## A DETERMINAÇÃO DO *COGITO* NO PENSAR MODERNO

O mundo, portanto, no pensamento de Descartes, como *res extensa*, acaba por ser extensão da consciência pensante do homem. Ele pode ser, agora, totalmente conhecido através do cálculo, dos fundamentos matemáticos e axiomáticos. Descartes inaugura, assim, uma forma de matematização da modernidade. É através da *dúvida metódica* que podemos chegar à clareza da razão humana.

Ao questionar as crenças, os próprios sentidos, os pensamentos e a realidade, Descartes chega no que não pode haver dúvidas: a própria existência daquilo que pensa, do *Cogito*. É pela dúvida que tem-se a certeza do *eu* pensante, da consciência. Como consciência, *Cogito*, a coisa pensante é substância primeira do próprio pensar. Ela é *subjectum, res cogitans*, que se opõe ao mundo externo que, agora, é *res extensa*. É inaugurada, aqui, a dualidade moderna na relação entre *res cogitans*, o *subjectum*, consciência do eu e *res extensa*, o mundo como *objectum*. É, dessa forma, através do sujeito que há uma tentativa de apreender o mundo pela razão, uma investigação matemático-racional que investe contra o real e tenta fundamentá-lo por formulações e axiomas. A realidade, no pensamento de Descartes, é o que é apreendido pelo pensamento e, também, conduzida por ele. O real acaba por se tornar reflexo da consciência do *Cogito*.

No caminho tomado por Descartes, no *Discurso do método* (1983), o pensar faz parte do existir. *Penso, logo existo* é a verdade mais evidente de seu pensar e é fundamento primeiro do novo método universal desenvolvido pelo filósofo, em que o homem enquanto *subjectum*, substância primeira pensante, dá medida às coisas, o mundo é sua extensão. Considerando isso, afirma Descartes (1983, p.69):

No concernente aos pensamentos que tinha de muitas outras coisas fora de mim, como do céu, da terra, da luz, do calor e de mil outras, não me era tão difícil saber de onde vinham, porque, não advertindo neles nada que me parecesse torná-los superiores a mim, podia crer que, se fossem verdadeiros, seriam dependências de minha natureza, na medida em que esta possuía alguma perfeição; e se não o eram, que eu os tinha do nada, isto é, que estavam em

mim pelo que eu possuía de falho. Mas não podia acontecer o mesmo com a idéia de um ser mais perfeito do que o meu; pois tirá-la do nada era manifestamente impossível [...]

Para Heidegger, portanto, a determinação do *cogito* é determinada pela necessidade por um fundamento sólido no pensar moderno. O fundamento primeiro desse pensar é o *cogito*, ele é o sujeito da re-presentação. O pensamento moderno é, então, re-presentativo na medida em que o sujeito põe diante de si, para si e a partir de si a coisa no re-presentar. Dessa forma, garante o real para si, determinando a calculabilidade do pensar moderno. No alemão *Vor-stellen* é, de forma literal, pôr diante.

Re-presentar (*Vor-stellen*) é, então, um cálculo que garante a certeza da representação. Essa certeza se torna verdade em sentido moderno e determina a própria concepção do que é certo e evidente das ciências modernas em sua análise da razão através de cálculos lógicos. Trata-se, portanto, de um assegurar que parte do *subjectum* em oposição ao real, uma forma de dominação sobre o que é representado, o próprio objeto (*Gegenstand*). Afirma, assim, Heidegger em sua obra *O tempo da imagem do mundo* (2014):

O representar é agora, de acordo com a nova liberdade, um avançar, a partir de si, para a área ainda por assegurar do que está seguro. O ente já não é o que está presente, mas só o que está posto em frente no representar, o que é objetivo [Gegen-ständige]. Re-presentar é a ob-jetivação que avança, que doma. (2014, p.133)

O *eu* é substância primeira, algo que pensa: *res cogitans*. Enquanto *subjectum* é a certeza fundamental do pensar moderno inaugurado por Descartes. O homem toma, aqui, o papel central como medida para a re-presentação. Continua, dessa forma, Heidegger a explicar sobre a fundamentação da verdade no pensar moderno (2014, p. 134):

Nesta certeza fundamental, o homem está seguro de que ele está assegurado, enquanto re-presentador de todo o re-presentar e, assim, enquanto âmbito de todo o estar-representado, enquanto âmbito de qualquer certeza e verdade, isto é, está seguro de que ele é. [...] ser sujeito torna-se agora a distinção do homem enquanto ser pensante-representador.

O homem enquanto *subjectum* se torna medida para todas as coisas, ele é “*cogitatio* do *ego*”. O *subjectum* assegura o objeto na consciência. Portanto, na relação binária moderna, entre sujeito e objeto, o homem põe-se como senhor, ele é medida da re-presentação. Para Heidegger, o homem se estabelece como medida para tudo que se mede, que se calcula, o que vale como evidente é verdadeiro. A relação com as coisas é, por conseguinte, posterior à certeza indubitável do *cogito* como substância primeira. Podemos destacar a seguinte afirmação na obra de Descartes sobre a centralidade do homem nesse pensamento moderno (1983, p.85):

[...] se pode encontrar uma outra prática, pela qual, conhecendo a força e as ações do fogo, da água, do ar, dos astros, dos céus e de todos os outros corpos que nos cercam, tão distintamente como conhecemos os diversos misteres de nossos artífices, poderíamos empregá-los da mesma maneira em todos os usos para os quais são próprios, e assim nos tornar como que senhores e possuidores da natureza.

O *subjectum* é seu próprio fundamento. Sua primazia, segundo Heidegger, é determinada, assim, pela necessidade de um *fundamentum absolutum inconcussum veritatis*, ou seja, de um fundamento de verdade como certeza indubitável. Dessa forma, explica o filósofo (HEIDEGGER, p. 2014, p. 132): “ A tarefa metafísica de Descartes foi a de criar um fundamento metafísico para a libertação do homem, libertação para a liberdade enquanto auto-determinação certa de si mesmo”.

Logo, o fundamento primeiro de toda a metafísica moderna fundada por Descartes é a existência de quem duvida, isso é indubitável, pois para existir a dúvida é necessário a própria existência de quem a ponha, o próprio *ego cogito*. O ser precede, assim, o representar. A certeza fundamental é o asseguramento do homem enquanto *subjectum*, como *fundamentum absolutum inconcussum*. Podemos destacar, assim, a afirmação de Heidegger (2014, p. 134): “[...] homem tem de se tornar no ente destacado, num *subjectum* que, na perspectiva do primeiro ente verdadeiro (isto é, certo), tem a primazia entre todos os *subjecta*.” Com Descartes, portanto, é inaugurada a filosofia moderna. Como substância primeira, o *cogito* é o que determina o real, como *res extensa*.

O mundo como extensão do *subjectum*, as coisas existentes são reflexos da consciência do eu, a partir do pensamento representativo da razão. Dessa forma, o sujeito do pensamento substancialista moderno é posto como central. Ele é indubitável. Para Heidegger, por conseguinte, a *dúvida metódica* estabelecida por Descartes é determinada pelo domínio do projeto matemático do pensar moderno.

## O ESTABELECIMENTO DO PROJETO MATEMÁTICO MODERNO

O fundamento do projeto matemático antecede e fundamenta a própria metafísica moderna. Esse projeto estabelece tudo a partir de um fundamento primeiro como axiomático e universal. Para Heidegger, trata-se de um esboço previamente assegurado do real e é estabelecido como norma que unifica todo o pensar sobre a realidade. Explica, então, o filósofo (HEIDEGGER, 2014, p. 103):

Mas isto significa apenas que o matemático quer, de acordo com a sua exigência mais íntima, fundamentar-se a si mesmo; quer apresentar-se expressamente a si mesmo como padrão de todo o pensar e estabelecer as regras daí resultantes.

Descartes é parte essencial deste trabalho de reflexão acerca do matemático, no seu significado principal.

A inauguração do pensar moderno com Descartes é determinada, portanto, pela fundamentação do matemático. Ao citar uma obra póstuma inacaba de Descartes, *Regulae ad directionem ingenii* (1701), Heidegger explica que “*Regulae*” são as proposições diretrizes do próprio matemático, logo, sua essência e, também, onde o conceito de ciência moderna está caucado.

Dessa forma, o matemático que não necessariamente trata, aqui, do numérico, mas de um projeto axiomático de dominação da natureza que dá medida e diretrizes para a própria investigação científica. As ciências modernas da natureza têm por fundamento o caráter axiomático metafísico-matemático que se opõe ao real, à natureza, para abarcá-lo em sua totalidade. O que se busca é um domínio sobre o real. O projeto de uma ciência e de um método universal, a partir de Descartes, mostra o caráter desse fundamento matemático na inauguração da ciência moderna.

Nas regras citadas por Heidegger da obra de Descartes tem-se que: as coisas objetivas são o que podemos intuir seguramente e claramente sobre os fatos. O método universal da ciência é fundamental para a investigação, onde a experiência é feita a partir do que pomos antecipadamente através dos conceitos. Deve-se, portanto, penetrar na investigação sobre a coisa com o intuito de chegar à verdade.

No fundamento moderno matemático do pensar que determina a metafísica moderna como *prima philosophia* é, para Heidegger, através de Descartes que a verdade sofre uma mudança de concepção. Verdade se torna, agora, o que é correto e evidente por si. Verdade é a certeza do re-presentar que tem como fundamento do pensamento moderno o *subjectum*. Ele é o solo do pensar metafísico moderno. Sobre isso, explica Heidegger através de sua obra *Que é uma coisa?* (1987, p. 106):

Somente assim o *subjectum* é um *fundamentum absolutum*, qualquer coisa puramente posta a partir da proposição enquanto tal, do matemático enquanto tal, uma fundação, uma base e, como tal, *fundamentum absolutum* e, ao mesmo tempo, *inconcussum*, indubitável, absolutamente certo.

Assim, o *subjectum* como substância primeira é o fundamento irrefutável. O domínio do projeto matemático permeia toda a apreensão do conhecimento, esse que deve ser posto à prova. O sujeito é o que duvida, pois justamente possui o matemático como fundação na procura de um solo firme para o conhecer. A essência do matemático, como projeto prévio assegurador sobre o real é, para Heidegger, desvelado como *tá mathemata*, que possui por fundamento primeiro o *cogito* que se torna o princípio substancial do pensamento moderno. Afirma, assim, Heidegger sobre o caráter fundamental do eu (1987, p. 107): “No ‘eu ponho’, o ‘eu’, enquanto aquele que põe, é antecipadamente e ao mesmo tempo posto como o que já está aí, como ente. O Ser do ente determina-se a partir do ‘eu sou’, como certeza do pôr.”

O *cogito* põe previamente as proposições para, dessa forma, assegurar o real em sua calculabilidade, revela, assim, a essência do caráter matemático moderno como *tá mathemata*. A existência do eu, no entanto, não é uma determinação de seu pensamento, mas a antecipação do

pôr que tem por base o *sum*, a existência do *cogito* que é *fundamentum absolutum*. Por conseguinte, explica Heidegger (1987, p. 107): “A proposição ‘eu ponho’ encontra-se na essência do pôr; é uma proposição que não se dirige a qualquer coisa previamente dada, mas que dá a si mesma somente o que nela está. O que nela está é eu ponho; sou aquele que põe e pensa.” O *subjectum* coloca o pensar e, em sua natureza, o fundamenta. Ele re-presenta o objeto.

Toda dimensão representativa do sujeito não é, portanto, decidida por ele em sentido subjetivo, mas determinada previamente a partir do encaminhamento matemático do pensar. Nesse caráter matemático tudo é remetido e determinado pelo sujeito, que se torna medida de todo pensar, de todo re-presentar. Nele, as coisas são objetos diante da dis-posição do *subjectum*. Os entes, o mundo como sua extensão, agora, são objetos em disponibilidade, *objectum* do pensar representativo. O objeto é o que é representado, é reflexo do sujeito. A razão, *ratio*, possui, então, papel central, já que é princípio e fundação do conhecimento. Afirma, assim, Heidegger (1987, p. 109):

Mas agora a razão, enquanto ‘eu penso’, é erigida expressamente em princípio supremo, enquanto fio condutor e tribunal de toda a determinação do Ser.” Esse axioma primeiro, fundamental para todo saber é o cogito sum que se estabelece no subjectum [...] Enquanto tal, o enunciado, para ser enunciado, deve pôr sempre aquilo que se encontra no subjectum. O que se põe e diz no predicado não deve nem pode contradizer o sujeito [...] no sentido de contradição.

O estabelecimento do caráter matemático moderno, *tá mathemata*, o determina como norma uniformizadora do pensamento. Pensar significa “eu penso”. O que é posto por ele, pelo sujeito, é um produto da razão. Os princípios axiomáticos de caráter matemático guiam, assim, o próprio conhecer humano e uniformizam sua apreensão. Para Heidegger, então, (1987, p. 110):

Os princípios que resultam simplesmente da razão, de acordo com o traço matemático fundamental do pensar, tornam-se os princípios do saber autêntico, quer dizer, daquilo que é a filosofia em grau mais elevado, a metafísica. Os princípios da mera razão são os axiomas da razão pura.

Razão, ou também *lógos*, estabelece a própria filosofia moderna através da fundamentação e reorientação matemática estabelecida por Descartes. A metafísica moderna é inaugurada pelos princípios universais do “eu”, da razão e da contradição lógica. Para Heidegger, eles dominam toda estrutura interna da metafísica e normatiza o domínio sobre o próprio conhecimento.

Portanto, no pensamento metafísico moderno o homem possui o papel central como o que pensa. Os entes são pré-determinados pela razão, por seus princípios e leis. A concepção de verdade, até então tida como conformidade da proposição com os entes, *veritas*, torna-se determinada pela razão humana. Ela é, agora, correspondência entre a re-presentação do *cogito* com o que é representado: *res extensa*.



Para Heidegger, a forma de pensamento moderna como re-presentação é a tentativa de apresentar qualquer coisa sob forma de conceitos universais. Heidegger trata da inauguração da era moderna através da mudança na concepção de verdade e do pensamento subjetivo como re-presentar (*Vor-stellen*). Assim, como fundamento metafísico que rege a modernidade. Re-presentar é a objetivação do ente que é antecipadamente calculado e assegurado para se ter certeza sobre, ele é planejado a partir de um projeto matemático-axiomático sobre o real, *tá mathemata*.

A determinação da verdade dá base para a forma de apreensão do mundo pelas ciências modernas que, para Heidegger, se desvela, como forma de investigação sobre o real. Dizer, então, que a essência da ciência é investigação significa, também, que a verdade que ela busca é a certeza do que é correto e mais claro. Conforme afirma Heidegger (2014, p. 110): “Só se chega à ciência como investigação se, e apenas se, a verdade se transformou em certeza do representar”.

Todo fundamento metafísico tem, portanto, como ponto de partida a filosofia de Descartes, através da reorientação para o caráter matemático do pensar e na mudança do caráter de verdade. O *subjectum* calcula previamente o ente e, assim, tem certeza sobre ele. Para Heidegger (2014, p. 110): “É na metafísica de Descartes que o ente é, pela primeira vez, determinado como objetividade do representar, e a verdade como certeza do representar”. A metafísica moderna é sustentada na concepção de ente e verdade que foi posta primordialmente por Descartes. Seu pensamento estabelece fundamento para o pensar moderno. Continua a afirmar Heidegger (2014, p.123): “Com Descartes, começa a consumação da metafísica ocidental. Mas é porque uma tal consumação só volta a ser possível como metafísica que o pensar moderno tem sua grandeza própria”.

Logo, a constituição do pensar representativo se movimenta na imaginação, *imaginatio*. Por conseguinte, a representação põe imageticamente o ente como objetividade, como imagem. O *subjectum* é a consciência pensante “encapsulada” que torna o mundo sua imagem e representação. Ele é, na era moderna, o “centro de referências”. Como explica Heidegger (2014, p.111): “Mas se o homem se torna o primeiro e autêntico subjectum, então isto quer dizer que o homem se torna naquele ente no qual todo o ente, no modo do seu ser e da sua verdade, se funda”.

A imagem pode ser tida como uma pintura ou uma imagem fixada do mundo como ele é. Entretanto, nessa imagem do mundo, a coisa está diante de nós em sua totalidade. Porém, conforme explica o filósofo, uma imagem do mundo moderno não é uma imagem que se faz dele, mas quer dizer que o próprio mundo é concebido como imagem. A imagem do mundo da modernidade (*Weltbild*) é o próprio fato do mundo ter se tornado imagem. O mundo objetificado é posto pelo sujeito e re-presentado por ele. É a partir da objetivação do ente no representar que o mundo pode ser imagem (*Bild*).

Dessa forma, a essência da modernidade é o fato do mundo ter se tornado uma imagem. O mundo é re-presentado, forçado a ser a-presentado diante do homem, a partir dele e para ele. O mundo como imagem (*Weltbild*) é resultado da antecipação calculadora e asseguradora de seu pensar calculador. O *subjectum* é imagem-referência para o ente. Explica Heidegger (2014, p.115): “O homem torna-se no que representifica [Repräsentant] o ente, no sentido do que é objetivo. Que o mundo se torne imagem e que o homem, dentro do ente, se torne subjectum, é um e o mesmo processo”.

Re-presentar é, dessa forma, trazer diante de si o ente objetificado que se tornou imagem. Ele está diante como algo contraposto ao sujeito. Impera, aqui, um aspecto de dominação desse que se vê como senhor e põe-se como medida ao ente. A posição humana no mundo que se torna imagem é a *mundividência*, ou seja, o sujeito se torna centro de referência para os entes. Imagem passa a ser o delinear da elaboração que representa (*Das Gebild*). Logo, por ser medida, é

que o *subjectum* pode fazer uso da “violência” ilimitada do cálculo e do planejamento antecipador do ente através da razão, *ratio*. Acrescenta Heidegger (2014, p.117):

Que mesmo assim a palavra mundividência se afirme como nome para a posição do homem no meio do ente, tal fornece a prova de quão decisivamente o mundo se tornou imagem, assim que o homem trouxe a sua vida, enquanto *subjectum*, para a primazia do centro de referência.

O homem é posto centralmente como sujeito do pensar, por consequência, seu elemento é subjetivo. Para Heidegger, isso é o que rege a humanidade moderna e o próprio conhecer. O *subjectum* é base de toda forma de pensar moderna. Dessa forma, em sua preleção *Nietzsche* (2014), Heidegger explica sobre o domínio do sujeito na modernidade e afirma (2014, p.557): “Por meio de Descartes e desde Descartes, o homem, o ‘eu’ humano, se torna ‘sujeito’ de maneira predominante”.

O elemento subjetivo na modernidade passa, então, a significar o que subjaz por si mesmo, o “eu”, o *cogito*. Esse é o fundamento e solo da metafísica moderna, nela é estabelecido o método, um caminho traçado pelo sujeito para algo que é indubitável, certo e seguro. A questão sobre a verdade se torna *fundamentum absolutum inconcussum veritatis*, o conceito de verdade como certeza.

## TRANSIÇÃO DE VERDADE PARA CERTEZA DO RE-PRESENTAR (*VORSTELLEN*)

A mudança na concepção de verdade determina a reorientação do caráter moderno do pensar. O sentido da liberdade moderna é a liberdade para a certeza de que o homem se assegure de sua determinação central. Esse assegurar determina seu domínio sobre a terra. Tudo é, então, previamente determinado pelo cálculo antecipador (*tá mathemata*), da razão e de suas leis, em direção ao real. Cria-se, portanto, uma unidimensionalidade do pensar, voltado para o domínio do racional e do cálculo como asseguramento. Conforme explica Heidegger (2014, p. 560):

No interior da história da modernidade e como a história da humanidade moderna, o homem enquanto o centro e a medida procura colocar a si mesmo a cada vez por toda parte na posição de domínio, isto é, empreender o asseguramento desse domínio. Para tanto, é necessário que ele se assegure cada vez mais de suas próprias capacidades e de seus próprios meios de dominação, deixando-os constantemente prontos uma vez mais para uma disponibilidade incondicionada.

Portanto, a fundamentação da metafísica moderna através de Descartes é a tarefa de fundar a libertação para o autoasseguramento do homem como *subjectum*. Para Heidegger, Descartes antecipa o fundamento metafísico da modernidade. O sujeito assegura o ente que vai ao encontro representando-o através do cálculo planeador do real. A certeza do representar é o estar seguro da modernidade. A certeza é, para o filósofo, o que constitui o ‘*ego cogito ergo sum*’, ‘*penso, logo existo*’, o que é mais certo e evidente. Esse é o estabelecimento fundador da própria verdade como certeza. A mudança em sua concepção é o fato de ter se tornado uma certeza cuja essência é o princípio, fundado por Descartes, do ‘*ego cogito sum*’. O *cogito* é, assim *Cogitare*, o pensar.

Em sua preleção *Nietzsche* (2014), Heidegger acrescenta que por *cogitare* utiliza-se, também, a palavra *percipere* como assegurar-se de algo, pôr diante de si como representação. Explica, dessa forma, que o que Descartes põe como *cogitare* e *percipere* é o próprio re-presentar. Conforme afirma (HEIDEGGER, 2014, p. 564):

Se compreendermos *cogitare* como re-presentar nesse sentido literal, então já nos aproximamos mais do conceito cartesiano de *cogitatio* e de *perceptio*. As palavras que terminam em ‘ção’ frequentemente designam algo duplo que se acha em uma copertinência: representação possui tanto a significação de ‘representar’ quanto a significação de ‘algo representado’.

*Perceptio* pode ser compreendido, então, em sentido ambíguo como a própria representação, como execução do re-presentar, e o “algo representado” numa co-pertença. Portanto, o *cogitare* é apresentar para si o que é representado, diante e pelo sujeito, como algo disponível. Essa dis-ponibilidade do real é o que é previamente assegurado, calculado e fixado como *objectum*.

O *cogitare* é o representar em que o sujeito põe a si mesmo como medida. No representar, no cálculo prévio em direção ao real, não deve restar nenhuma dúvida, sendo o mais evidente possível. A *dúvida metódica*, estabelecida por Descartes, não é duvidar continuamente, mas tem por base o fundamento do indubitável, do que é mais certo e é fixado em sua determinação. O que é previamente planejado, examinado, verificado e calculado e que vale como sendo: é o real. Assim, explica Heidegger que (2014, p. 565):

Aquilo que é constantemente ponderado de antemão no pensamento ponderador é o fato de o representado ser assegurado a cada vez no interior do círculo da disposição calculadora. O fato de todo *cogitare* ser essencialmente um *dubitare* não diz outra coisa senão: o re-presentar é um assegurar.

Para se ter algo correto e verdadeiro, esse deve ser antecipadamente calculado pela razão e ter como finalizada qualquer dúvida. É, como afirma Heidegger em *Nietzsche* (2014, p. 565), aquilo em relação ao que a conta está fechada. O sujeito se põe nesse representar de forma que traz diante de si o re-presentado. Para o filósofo, portanto, existe nesse pensar representativo um

co-pertencimento entre o que representa e a própria representação. É, então, pela consciência de si mesmo, do *subjectum*, que a calculabilidade dos objetos é estabelecida e garantida.

*Cogitare* é re-presentar e re-presentar é, também, um corepresentar-se já que antecipadamente põe a partir de si e diante o que vige como real, o que é fixado e constante, verdadeiro e universal. O objeto é contraposto ao *subjectum* que está apresentado na representação. A reorientação para o elemento matemático do pensar é central na fundação metafísica e nos princípios axiomáticos determinantes para a mudança da concepção de verdade. *Cogito ergo sum* não diz apenas sobre pensar e existir, seguindo uma articulação lógica do pensar, mas antes trata do próprio re-presentar (*Vor-stellen*) do homem como medida. Assim, explica Heidegger (2014, p. 572):

[...] o meu representar decide, enquanto a *re-praesentatio* normativa, o estar presente de todo representado, isto é, a presença daquilo que é visado nele, ou seja, o seu ser enquanto o ser de um ente. A sentença diz: o re-presentar que é re-presentado para si mesmo posiciona essencialmente o ser enquanto ter-sido-re-presentado e a verdade como certeza.

A essência do representar é o fundamento indubitável, a certeza suprema do *cogito* e o que subjaz por si como substância primeira. Como *res cogitans* sua essência é essa que tem seu modo de ser no representar. É estabelecido a partir dele a essência da verdade, assim como, a própria forma da apreensão de conhecimento na modernidade e do que pode ser conhecido. Continua Heidegger (2014, p. 574): “A certeza da sentença *cogito sum* (*ego ens cogitans*) determina a essência de todo conhecimento e de tudo que é passível de ser conhecido, isto é, a essência da *mathesis*, do elemento matemático”.

Aquilo que podemos ter certeza é o que é constatado, verificado e, posteriormente, posto como verdade. A aquisição da verdade é só, então, validada pelo elemento matemático do conhecimento. Esse elemento da filosofia de Descartes é o que pode ser de modo previamente assegurado. O que é antecipadamente calculado é o ente, o objeto posto como *res extensa*, o real. A própria natureza é tida como o que pode ser previamente posto e assegurado de acordo com os axiomas matemáticos, ela própria é objetivada. Sobre essa essência matemática continua a explicar Heidegger (2014, p. 574):

O elemento matematicamente acessível, seguramente calculável no ente que não é o próprio homem, na natureza inanimada, é a *extensão* (o elemento espacial), a *extensio*, que inclui *tanto* o espaço *quanto* o tempo. [...] Por isso, o âmbito não humano do ente finito, a ‘natureza’, é concebido como *res extensa*.

O pensar calculador sobre a natureza, como *res extensa*, faz parte do projeto planejador matemático sobre o real. É o que, posteriormente, determina o desenvolvimento das ciências modernas da natureza, em especial, da física moderna e, também, que põe a natureza unicamente como conjunto de pontos de massa passíveis de serem calculados no espacialmente e temporalmente. Sobre esse caráter da modernidade destaca Heidegger que (2014, p. 574):

Por mais unilateral e em certos aspectos insuficiente que a interpretação da natureza como *res extensa* possa ser pensada inteiramente em vista de seu conteúdo metafísico e segundo a aptidão de seu projeto metafísico, ela é, apesar disso, o primeiro passo decisivo, por meio do qual a técnica das máquinas mecânico-motoras modernas, e, com essa técnica, o novo mundo e sua humanidade se tornaram metafisicamente possíveis.

O domínio é compreendido a partir da determinação do *cogito* por Descartes. A natureza tida unicamente como matéria inanimada é consequência do estabelecimento do *cogito sum* como fundamento de todo pensar. O *subjectum, res cogitans*, é o que determina o mundo como *res extensa*. O próprio pensamento enquanto re-presentar é medida para o estabelecimento da verdade como certeza. Portanto, continua Heidegger (2014, p.575): “No âmbito de dominação desse *subjectum*, o *ens* não é mais *ens creatum*, ele é *ens certum: indubitatum: vere cogitatum: ‘cogitatio’*”.

O *cogito sum* é, então, o princípio fundamental para a mudança de verdade para certeza da re-presentação na consciência. A verdade como certeza se torna modo normativo do conhecer, trata-se de uma mudança essencial. Afirma, dessa forma, o filósofo sobre a determinação da verdade enquanto certeza moderna (HEIDEGGER, 2014, p. 762):

A certeza não é considerada aqui apenas como um adendo ao conhecimento no sentido de que ela realiza a apropriação e a posse do saber. A certeza é muito mais do que a consciência cônica de si mesma daquilo que é sabido. Ela é o modo normativo do conhecimento, isto é, da ‘verdade’.

A certitude como verdade é o que determina a própria realidade do real. Agora, o homem está certo e traz para si o autoasseguramento e o assegurar de todo real. Para Heidegger, a segurança de si estabelece o real para o homem. Por conseguinte, a essência da verdade enquanto certeza é o próprio assegurar que põe, assim, o homem como central, ao qual tudo é remetido. O sujeito, então, estabelece e constrói o real como o que é por ele legitimado. Continua o filósofo (HEIDEGGER, 2014, p. 763): “O efetivamente real transforma-se em algo efetivável no interior daquela atuação humana, que, colocando-se conscientemente sobre si mesma, constrói e cuida de tudo”.

O que, portanto, garante a segurança do representar é a certeza. O estabelecimento da verdade como certeza afirma o domínio do homem sobre o real. A certeza é essência normativa da verdade. Apenas vale como verdadeiro o que podemos afirmar, ter como certeza, depois de toda a verificação do cálculo da razão. Verdade passa, então, de adequação do enunciado para certeza do representar. Afirma Heidegger (2014, p. 765):

Com isso, se mesmo a representação natural daquilo que é efetivamente real, uma representação alcançada pelo próprio homem, é sustentada e dirigida pela verdade como certeza, então todo ente efetivamente real disposto na verdade, todo ente verdadeiro (*ens verum*) é um *ens certum* [...]

O que é real é garantido pela certeza do representar. O real é o que é fixado, que possui constância e continuidade. A realidade, portanto, se torna o que é representado, o que se pode ter certeza. Afirma Heidegger (2014, p. 766) “Certeza é a segurança de tudo aquilo que é representado, uma segurança que se funda na própria essência da certeza e que só se confia a essa essência.” A verdade como certeza determina, assim, no interior da metafísica moderna a própria possibilidade do saber, do que pode ser conhecido e do que é seguro e certo, ou seja, o que pode ser plenamente assegurado na representação como constância do ente.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Foi percorrido, portanto, um caminho através da crítica heideggeriana à metafísica moderna inaugurada por Descartes. O percurso foi centrado na reorientação para o matemático e na fundamentação do pensar moderno por Descartes, partindo da separação binária moderna entre *subjectum* e *objectum*. Assim, estabelece em conjunto o fundamento do que determina propriamente a modernidade a partir do projeto matemático do pensar que antecipa e assegura o real.

Posteriormente, determina-se, aqui, o *subjectum* como fundamento indubitável do projeto moderno sobre o ente e como base para a mudança na concepção de verdade como certeza do re-presentar. Essa conceituação de verdade determina e unidimensiona toda possibilidade do saber, isso reflete no próprio desenvolver das ciências modernas. Apenas vale como sendo, ou seja, é real o que é verdadeiro. Verdade se torna, assim, apenas o que não possuímos mais nenhuma dúvida. O que temos certeza, o que se “fecha” a conta depois de toda verificação. É depois de todo esgotamento do real que se tem a certeza.

## REFERÊNCIAS

DESCARTES, René. **Descartes: os pensadores**. 3. ed. São Paulo: Abril Cultural, 1983.

DESCARTES, René. “O discurso do método”. In: **Descartes: os pensadores**. 3. ed. São Paulo: Abril, 1983.

DESCARTES, René. **Regras para a direção do espírito**. Lisboa: Edições 70, 1989.

HEIDEGGER, Martin. **Nietzsche**. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense, 2014.

DOI: [10.25244/uf.v15i2.3455](https://doi.org/10.25244/uf.v15i2.3455)

Uma analítica heideggeriana sobre a fundação da essência matemática do pensar moderno na metafísica cartesiana  
TEIXEIRA, Lisandra

HEIDEGGER, Martin. “O tempo da imagem no mundo”. *In: Caminhos de floresta*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2014. Cap. 2. p. 97-138.

HEIDEGGER, Martin. **Que é uma coisa?**: Doutrina de Kant dos princípios transcendentais. Lisboa: Edições 70, 1987. 237 p.